

# Quem és tu, Jesus?

Carta pastoral do Bispo de Mainz,  
Dom Peter Kohlgraf,  
para o tempo quaresmal de 2025

## Estimadas irmãs e estimados irmãos da Diocese de Mainz!

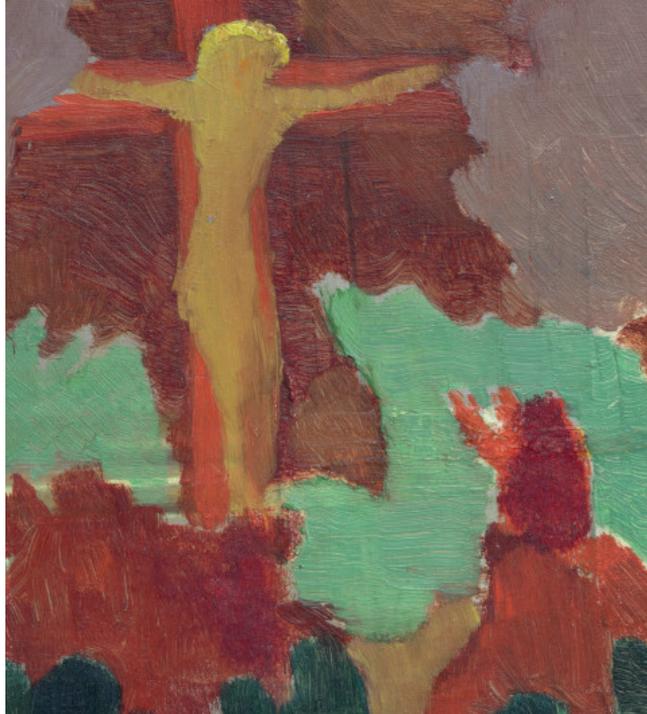
Quem és tu, Jesus? A resposta a essa pergunta não é assim tão simples como pode parecer a alguns. Para uma pessoa de fé, essa questão toca, no mínimo, dois níveis. Um deles diz respeito à resposta individual que cada pessoa que crê em Cristo deve dar. Essa resposta pode ser infinitamente variada, podendo, inclusivamente, mudar ao longo da vida, de acordo com a situação de vida e a experiência de fé. Algumas coisas do Jesus bíblico me encantam, outras me parecem estranhas. Convido-vos, pois, a permanecer em diálogo com Jesus ao longo de toda a vida, a suportar o que vos parece estranho e a buscar a cada dia a Sua proximidade. Refiro-me a Jesus não apenas como uma figura histórica, mas também como o Ressuscitado que está ao meu lado, ao nosso lado, de cuja presença viva eu estou certo.

O segundo nível diz respeito à resposta que uma comunidade de fé tal como a Igreja dá a si mesma, estabelecendo, assim, uma unidade num consenso básico que nos liga a Cristo apesar das diferentes perspectivas de fé. Na pergunta “Quem és tu, Jesus?” fica particularmente evidente a possibilidade de uma grande diversidade e de uma profunda unidade na fé. Ser cristão jamais implica diversidade sem unidade, mas tampouco significa unidade sem uma necessária diversidade. Especialmente em tempos em que tanto se debate sobre a sinodalidade na Igreja, questionar-se sobre a fé em Jesus Cristo parece-me ser o alicerce mais sólido para o essencial do cristianismo.

### A infinidade de enfoques sobre Jesus, o Filho de Deus

As principais fontes para o nosso falar a respeito de Jesus enquanto Salvador e Filho de Deus são os escritos do Novo Testamento. O Novo Testamento não é um livro único, mas um conjunto de 27 livros de diferentes autores que apresentam cada qual a sua perspectiva sobre Jesus, tendo em conta as múltiplas questões das suas respectivas comunidades. O simples fato de não haver apenas um evangelho no Novo Testamento, mas quatro evangelhos, cada qual apresentando diferentes abordagens de Jesus, é uma confissão. Há cartas de diferentes autores, há um relato dos Atos dos Apóstolos, que dá continuidade ao Evangelho de Lucas, e há um “Apocalipse de São João”, que nos oferece uma visão de mundo que nos transporta para um mundo estranho, onde Cristo é, ao mesmo tempo, o Cordeiro de Deus e também o Senhor do tempo e o juiz da humanidade. Nos diversos textos bíblicos, encontramos Jesus em toda a sua humanidade, do seu nascimento até à sua morte; ele se nos apresenta como Senhor, Juiz, Redentor, Ressuscitado e como aquele que está sentado à direita de Deus.

Emocionalmente, o Jesus humano é, certamente, muito próximo de muitas pessoas. Não surpreende, pois, que a maioria das pessoas se sinta tocada de modo especial no



*Apenas algumas áreas de cor forte, azul-escuro em primeiro plano e brilhante em segundo plano, se combinam para formar um quadro: pessoas aproximam-se de Jesus Cristo na cruz, procurando. O artista católico parisiense Maurice Denis (1870-1943) interpretou os motivos cristãos tradicionais utilizando técnicas de pintura modernas. A pequena pintura a óleo sobre madeira “O Cristo Laranja” foi criada em 1889 e encontra-se atualmente no Museu de Arte de Cleveland.*

Natal, no qual o amor de Deus se revela de forma tão vulnerável naquele pequeno menino deitado na manjedoura. Para outros, Jesus fascina especialmente quando cura os doentes e torna o Reino de Deus tangível através de sua compaixão pelos fracos e culpados. Diante dos conflitos atuais, a mensagem de paz de Jesus causa divisão: será ela ingênua para os dias de hoje ou extremamente vital? Durante todos os tempos, as pessoas reconheceram no Crucificado o seu próprio sofrimento. Ainda hoje, os relatos da Páscoa dão esperança a muitas pessoas, pois elas acreditam nos testemunhos de que Jesus está vivo. As cartas do Novo Testamento também apresentam uma variedade de experiências de Jesus. No final do Evangelho de São João, encontra-se, para mim, uma frase central (João 21, 24-25): “Este é o discípulo que deu testemunho dessas coisas e que as escreveu. E nós sabemos que o seu testemunho é verdadeiro. Jesus fez ainda muitas coisas. Se fossem escritas uma por uma, penso que não caberiam no mundo os livros que seriam escritos.”

Na sua última encíclica, “Dilexit nos” (Ele amou-nos), de 2024, o Papa Francisco aprofunda a devoção tradicional ao Sagrado Coração de Jesus e no-la oferece como fonte de acesso a Cristo. Afetuosamente, gostaria de acrescentar algo enfaticamente: É justo que haja tantas formas de chegar a Jesus quanto pessoas que se abrem a Ele com a mente e o coração. Com efeito, faz parte da vida da Igreja proporcionar a outras pessoas uma aproximação pessoal, porque a boca fala daquilo de que o coração está cheio. Confessar Cristo exige sempre um testemunho pessoal e individual de fé.

Isso constitui a riqueza da fé da Igreja e da comunidade

eclesial. E esta é também a base da tão falada sinodalidade: levar a sério as experiências de fé dos outros fiéis e valorizá-las como um enriquecimento. Ninguém pode compreender a Cristo apenas por si próprio. É apenas através das múltiplas experiências de fé que ele emerge como que um mosaico, embora não possa, mesmo assim, ser totalmente compreendido. Convido-vos, pois, a pensar sobre como podeis refletir sobre as seguintes perguntas durante as próximas semanas: Quem és tu, Jesus - para mim? Onde posso dar testemunho, formular as minhas próprias perguntas e exprimir as minhas esperanças durante este Ano Santo da Esperança?

## A confissão comum da Igreja sobre Jesus Cristo, o Filho de Deus

Em 325, ocorreu em Niceia o primeiro dos assim chamados Concílios Ecumênicos. Em 2025, comemoraremos os 1700 anos desta assembleia importantíssima, que, por sua vez, é precedida por uma longa história. Houve uma série de divisões na Igreja, motivadas por uma série de questões. Quem pensa que as coisas são demasiado conturbadas na Igreja de hoje, deveria dar uma olhadela para o século IV. Questões de fé e questões estruturais sempre andaram juntas. Cerca de 250 bispos reuniram-se em Niceia por iniciativa do imperador Constantino, que convocou o concílio com receio de perder o poder devido à ameaça de um cisma na Igreja. A questão original a partir da qual se desenrolaram os debates acalorados do concílio era, basicamente, se o Filho seria uma criatura do Pai e, portanto, apenas “semelhante a Deus” ou se seria, de fato, “consustancial a Deus”. Essa disputa desencadeada por Ario dividia tanto os fiéis como os bispos.

Hoje, aos nossos olhos, essa questão parece ser demasiado sutil, mas ela toca o cerne da fé cristã. Se Jesus desejava redimir a humanidade, tinha de ser Deus verdadeiro, pois só Deus pode oferecer a redenção da culpa e da morte. Ele, que por nós, seres humanos, se fez carne e por nós sofreu, tinha de ser verdadeiramente humano, dado que, segundo uma antiga convicção filosófica, só aquilo que Deus aceitasse verdadeiramente poderia também ser redimido. O concílio não decorreu de modo algum de forma pacífica, porém o credo formulado após muitas discussões e inclusive sob pressão do imperador foi aprovado pela maioria. Ainda assim, o fim definitivo das disputas em curso só pôde ser alcançado em 380 por meio de um decreto do imperador Teodósio no qual declarou o Credo Niceno como obrigatório. O Concílio de Niceia está indissociavelmente ligado ao Concílio de Constantinopla, realizado em 381, que adotou, em grande medida, o Credo Niceno.

A importância destes dois concílios reflete-se no fato de que ainda hoje conhecemos e rezamos este credo

conhecido como “a Grande Profissão de Fé” (n.º 122 do Gotteslob, o nosso livro de cantos). Cristo é “consustancial ao Pai, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro”. Ele fez-se verdadeiramente homem em nosso meio. Esta é a fé que une todas as confissões cristãs até aos nossos dias. Não obstante as diferentes abordagens pessoais de Cristo, o Concílio de Niceia formulou um fundamento comum de fé. Até hoje, “a Grande Profissão de Fé” é o fundamento comum da fé e da vida da Igreja. Começou em Niceia e os concílios subsequentes lhe deram continuidade. É preciso unidade na diversidade das experiências pessoais, porque a experiência individual constitui, por si só, apenas uma peça do mosaico completo, e é sempre necessário uma resposta pessoal à questão sobre quem é Jesus para mim.

## Peregrinos e peregrinas no caminho da esperança

Este é o lema escolhido pelo Papa Francisco para este Ano Santo. O Ano Santo é um convite a refletir sobre Jesus como a razão da nossa esperança pessoal, a aprofundar essa questão na oração e a ousar a encontrar a nossa própria resposta. Jesus, enquanto Filho de Deus, abre-nos os olhos para a grandiosa esperança, inclusive para além da morte. A profissão de fé comum abre-nos os olhos para o valor da comunidade, visto que apenas juntos poderemos aproximarmo-nos da grande e complexa realidade de Jesus, nosso Senhor e Salvador. Ser cristão sem comunhão na profissão de fé constitui, em última análise, uma auto-limitação. Preciso dos outros, na Igreja, para enriquecer e alargar a minha imagem de Cristo. Necessitamos uns dos outros no caminho da esperança.

Que este ano nos aproxime mais uns dos outros na comunidade de fé e na coragem de dar a nossa resposta pessoal à pergunta “Quem és tu, Jesus - para mim?” e de aprender, ao mesmo tempo, a apreciar sempre de novo o valor da profissão de fé. Desejo a todos(as) um abençoado tempo quaresmal e Ano Santo.

Abençoe-vos o Deus Todo-Poderoso, +o Pai, +e o Filho, +e o Espírito Santo.

+ Peter Kohlgraf

+ Peter Kohlgraf  
Bispo de Mainz



Mainz, 1.º domingo da Quaresma de 2025

Tradução de Leandro Fontana; revisão de P. Rui Barnabé